

# A REINVENÇÃO DA ABOLIÇÃO E DOS ABOLICIONISTAS NO JORNAL *O EXEMPLO*: REPRESENTAÇÕES E PEDAGOGIAS CULTURAIS (1920-1930)

Thanise Guerini Atolini<sup>1</sup>  
Maria Angélica Zubaran<sup>2</sup>

## RESUMO

Este estudo investiga as representações mais recorrentes sobre a abolição e os abolicionistas no jornal da imprensa negra, *O Exemplo*, durante a década de 1920, em Porto Alegre. O objetivo central é analisar como as lideranças afro-brasileiras narraram a abolição e os abolicionistas e mapear quais os ensinamentos ou pedagogias culturais que disseminaram na cultura. Trata-se de uma análise cultural que articula os estudos sobre Imprensa Negra com o Campo dos Estudos Culturais, apropriando-se dos conceitos de Representação, conforme desenvolvido por Stuart Hall (1997), e de Pedagogias Culturais, de acordo com Steinberg (1997) e Shirley Kincheloe (2001). Conclui-se que as lideranças negras do jornal *O Exemplo* estrategicamente atualizaram as noções de uma abolição pacífica e civilizadora e de libertos leais e agradecidos, frequentes na versão oficial da abolição, visando ao estabelecimento de relações étnico-raciais harmoniosas e ao ideal de integração dos afro-brasileiros à nação.

**Palavras-chave:** Imprensa negra, abolição, abolicionistas, pedagogias culturais

## ABSTRACT

This study investigates the most frequent representations on abolition and abolitionist in the black newspaper *O Exemplo*, during the 1920s, in Porto Alegre. The main goal is to analyze how African-Brazilian leaders narrated abolition and abolitionists and to map the teachings or cultural pedagogies that they spread in the culture. It is a cultural analysis that articulates studies on the Black Press with the field of Cultural Studies, appropriating the concepts of Representation, as developed by Stuart Hall (1997), and Cultural Pedagogies, according to Steinberg (1997) and Kincheloe Shirley (2001). We conclude that the black leaders of the newspaper *O Exemplo* strategically updated notions of a peaceful and civilizing abolition and loyal and grateful freed persons, frequent in the official version of abolition, aiming at harmonious ethnic-racial relations and the ideal of integration of African-Brazilians in to the Brazilian nation.

**Keywords:** Black press, abolition, abolitionists, cultural pedagogies

## INTRODUÇÃO

O presente estudo investiga os discursos e representações mais recorrentes sobre a abolição e os abolicionistas no jornal *O Exemplo*, periódico da imprensa negra de Porto

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de História – Licenciatura/ULBRA – Bolsista PROBIC/FAPERGS

<sup>2</sup> Professora – Orientadora do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Educação/ ULBRA (angelicazubaran@yahoo.com.br)

Alegre, no contexto da década de 1920. O objetivo central é analisar como as lideranças afro-brasileiras narraram a abolição e os abolicionistas, como os representaram e que significados atribuíram à abolição e aos abolicionistas, assim como, mapear quais os ensinamentos ou pedagogias que os jornalistas negros produziram e disseminaram na cultura naquele período histórico.

A relevância desse estudo está relacionada à preservação das memórias e da história dos afro-brasileiros no pós-abolição, na direção das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos das escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e no sentido de questionar e desnaturalizar velhas hierarquias construídas sobre a história e a cultura afro-brasileira e de reconhecer e valorizar a riqueza e a pluralidade das contribuições dos afrodescendentes à cultura nacional.

Em termos teórico-metodológicos, trata-se de uma análise cultural que articula a historiografia sobre o pós-abolição no Brasil com o campo dos Estudos Culturais e que seleciona como artefato cultural de análise o jornal *O Exemplo*, da cidade de Porto Alegre/RS.

A historiografia sobre o pós-abolição no Brasil tem chamado a atenção para o fato de que durante muitos anos as relações raciais e a situação do negro no pós-abolição foram percebidas de forma quase naturalizada como herança direta da escravidão moderna. Andrews (1998) oferece uma crítica bem documentada da tese defendida pelo sociólogo Florestan Fernandes de que as desigualdades raciais eram uma herança da escravidão. O autor argumenta que para entender as desigualdades raciais no pós-abolição se devem examinar as estratégias de branqueamento e as políticas de discriminação racial das elites brancas no mercado de trabalho. Também Kim Butler (1998, 2011) salienta que a abolição foi apenas um aspecto do processo de emancipação dos afro-descendentes no mundo afro-atlântico e que as iniciativas políticas dos libertos e negros livres no pós-abolição foram decisivas para configurar as relações raciais no século XX. Vale destacar que Andrews (1998), Butler (1998, 2011) e Domingues (2009, 2011a, 2011b) valeram-se da análise da imprensa negra para estudar a construção das identidades afro-brasileiras em São Paulo e na Bahia no pós-abolição. No Rio Grande do Sul, historiadores como Müller (1999, 2013), Zubaran (2007, 2008) e Santos (2008, 2011), também exploraram a imprensa negra para estudar a construção das identidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul no período do pós-abolição.

No campo dos Estudos Culturais, apropriamo-nos da abordagem teórica de Stuart Hall sobre o conceito de representação, na perspectiva de que as representações culturais contidas na linguagem não apenas “falam sobre as coisas”, mas constituem as coisas sobre as quais falam. Hall sugere que é somente através da maneira como o termo negro é representado nos discursos, em situações históricas específicas, que os significados flutuantes desse termo podem ser examinados. É nesta perspectiva que tentaremos mapear as representações mais recorrentes sobre a abolição e os abolicionistas no jornal *O Exemplo*, na década de 1920.

Ainda na perspectiva dos Estudos Culturais, apropriamo-nos também do conceito de Pedagogias Culturais, aqui entendido de forma mais ampla, na perspectiva de Steinberg (1997) e de Kincheloe (2001), para além dos muros da escola. Para Kincheloe, as pedagogias culturais se referem “aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo bibliotecas, TV, cinema, jornais, revistas, propagandas, videogames, livros, esportes, etc.”, que capturam nossa atenção, alimentam nossos desejos e nossa imaginação e contribuem na produção de identidades (2001, p. 14). É por esse motivo que, entre outros artefatos da mídia, o jornal se constitui num estimulante e desafiador artefato de pesquisa, particularmente para o campo da educação.

Como destacou José Antônio dos Santos (2003), em seu estudo sobre o jornal negro *Alvorada*, da cidade de Pelotas/RS, um dos objetivos da imprensa negra no pós-abolição foi pedagogicamente disseminar modelos e regras de comportamento para a comunidade afrodescendente buscando prepará-los para a integração à nação. Essa dimensão pedagógica da imprensa negra é um dos aspectos que esse trabalho pretende examinar.

Os jornais negros no Brasil foram publicados por negros e mulatos livres pertencentes à pequena elite negra das áreas urbanas (Zubaran, 2008, p.165). Conforme a autora, “a imprensa negra significou, para os afro-brasileiros uma tentativa de confrontarem sua relativa invisibilidade política e cultural na esfera pública brasileira e representou um espaço alternativo de produção de significados e de representações sobre as identidades negras” (p.166).

O primeiro exemplar do jornal negro *O Exemplo* apareceu em Porto Alegre em 11 de dezembro de 1892. A primeira fase do jornal se estendeu de 1892 até 1897. Após uma interrupção, o jornal voltou a circular no início do século XX, em cinco de outubro de 1902 (MÜLLER, 2013). Sua publicação foi novamente suspensa em janeiro de 1903, reaparecendo em 1904 e mantendo-se em atividade até 1911. A última fase se estendeu de 1916 até 1930.

O grupo de afrodescendentes que deu início ao jornal estava composto por Arthur de Andrade, diretor de redação, e Marcílio Freitas, editor gerente, além de Aurélio Bittencourt Júnior e Sérgio Bittencourt, Alfredo de Souza e Esperidião Calisto, em cuja barbearia o grupo costumava reunir-se na Rua dos Andradas, também conhecida como Rua da Praia. Quanto ao seu formato e periodicidade, Zubaran afirma que: “era um jornal semanal, de quatro páginas, que saía aos domingos, de tiragem modesta, vendido pelos próprios editores na sede do jornal ou através de assinaturas semestrais” (2008, p. 165).

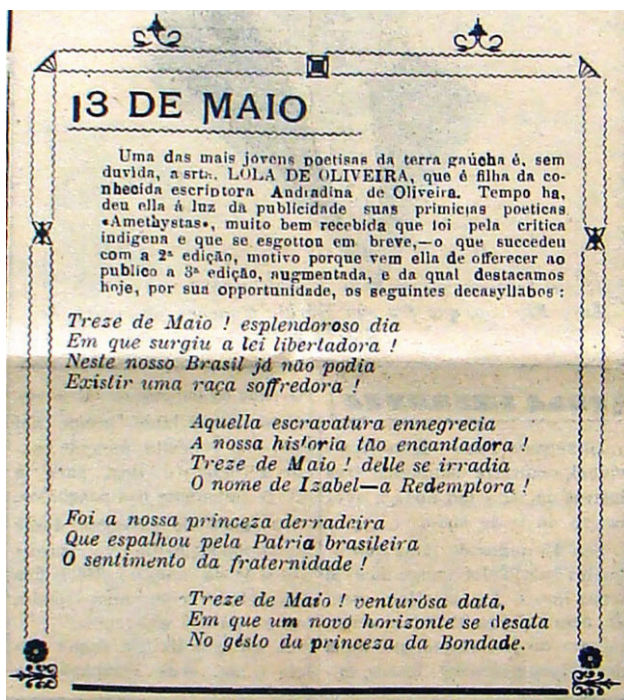
Na década de 1920, durante as comemorações do 13 de maio, as lideranças negras reescreveram a história da abolição e dos abolicionistas em longas e laudatórias reportagens, poesias e programações de festivais cívicos. Algumas dessas poesias foram produzidas por lideranças femininas, como Antonieta Lisboa Saldanha e Lola de Oliveira, ambas escritoras negras, outras foram consagradas aos abolicionistas.

Eduardo Silva (2007) destacou a importância dos poemas abolicionistas na ocasião da abolição da escravidão em 1888. De acordo com o autor “tratava-se de poesia

instantânea, composta sobre a pressão dos acontecimentos e impressa em folhas de papel colorido para serem distribuídas ao povo nas ruas” (SILVA, 2007, p. 17). Para Liana Reis, essas poesias revelam a constituição de um imaginário coletivo, “de imagens, visões de mundo, valores e esperanças de determinados grupos sociais” (2007, p. 49).

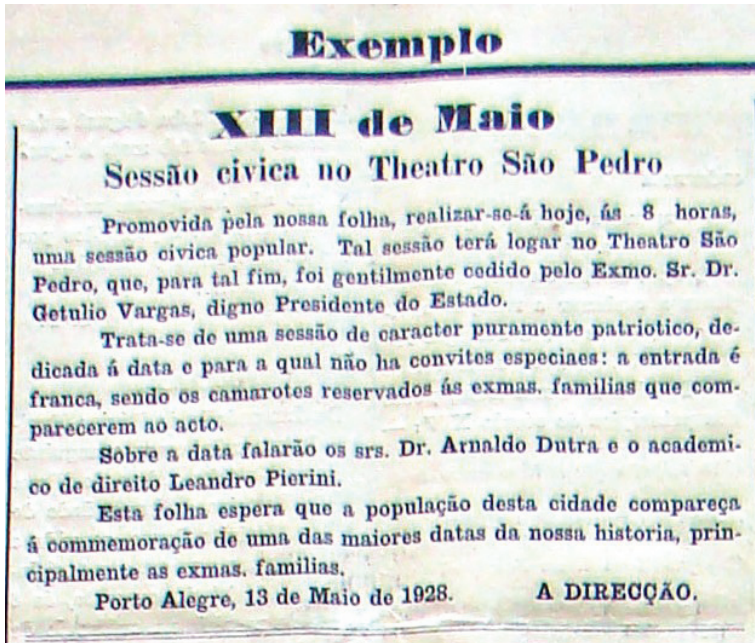
No jornal negro *O Exemplo*, na década de 1920, foram registradas poesias sobre o 13 de maio e os abolicionistas, que expressam o valor atribuído pelas lideranças negras à Lei Áurea, associada à Princesa Isabel, e representada como marco de uma nova era. A seguir, reproduzimos um dos poemas consagrados ao 13 de maio publicado no jornal *O Exemplo*.

Figura 1: *O Exemplo*, Lola de Oliveira, 13/05/1923, p. 1.



A memória da abolição e dos abolicionistas foi também celebrada pelas lideranças negras do jornal *O Exemplo*, por meio de uma extensa programação organizada por comissões especialmente designadas para tal fim. Os festejos incluíam discursos, missas, passeatas pelas principais ruas da cidade e cavalhadas no Campo da Redenção, como se pode observar no excerto que segue:

Figura 2: O Exemplo, 13/05/1928, p. 4.



As comemorações do 13 de maio realizadas no Teatro São Pedro, espaço privilegiado, no centro da cidade de Porto Alegre, cedido para esse fim pelo presidente do Estado Getúlio Vargas, contribuíram para conferir prestígio à cerimônia e às lideranças negras do jornal *O Exemplo*. Também a presença do presidente da província Getúlio Vargas e do prefeito Alberto Bins na platéia conferia importância às cerimônias e ao Núcleo Mantenedor do jornal que as organizavam demonstrando o acesso dessas lideranças afro-brasileiras às esferas mais altas da política regional. Observa-se que nessas ocasiões as elites afro-brasileiras compartilhavam com as elites políticas regionais valores, símbolos e heróis nacionais e, assim, integravam-se à nação e à nacionalidade. Vale destacar que pesquisas recentes sobre a década de 1920, realizadas pelos historiadores Gomes (2004), Siegel (2007), Alberto (2011) e Butler (2011) têm salientado que durante a década de 1920 as lideranças afro-brasileiras compartilharam valores e símbolos com as elites brancas, como estratégia de inclusão social e política na nação. Butler (2011) aponta que “os jornalistas negros se ativeram ao seu papel de brasileiros, afirmando sua nacionalidade no contexto da concorrência com os imigrantes” (p.145).

No entanto, os festivais comemorativos do 13 de maio registrados no jornal *O Exemplo* não foram monopólio da elite negra em sessões cívicas no Teatro São Pedro, mas eram também organizados por sociedades negras que mantinham tradições africanas, como sugere o nome da “Sociedade Recreativa Beneficente Africana”, cuja programação de três dias, ocorria no bairro Menino Deus, onde havia forte presença de afrodescendentes



de origem sócio-econômica mais popular, e que incluía em seu programa uma quermesse, um grande baile e a presença da jazz-band *Cruzeiro* (*O Exemplo*, 13 de maio de 1926, p. 5). Neste sentido, as comemorações do 13 de maio, revelam a existência de clivagens sócio-culturais na comunidade negra porto-alegrense.

Nas narrativas do jornal *O Exemplo*, observa-se também que a versão oficial da abolição e de seu caráter pacífico foi atualizada e contrastada com a abolição norte-americana: “(...) aqui a abolição se fez pacificamente, ao revés do que aconteceu nos Estados Unidos, por entre o simbolismo afetivo das flores”. (*O Exemplo*, 13 de maio de 1925, p. 1) Ainda, “Fomos dos últimos povos no reconhecimento da liberdade individual, mas os primeiros no modo de atender pacificamente a todas as raças. Não nos seduziu, o doloroso exemplo dos Estados Unidos” (*O Exemplo*, 13 de maio de 1928, p. 2). Na mesma direção, as lideranças negras salientaram a bondade dos negros que nada reivindicaram, mas que demonstraram amizade e carinho pelos ex-senhores:

E para que nós brasileiros possamos nos orgulhar da nossa pátria, basta nos lembrarmos de que a redenção da raça escrava se fez sem custar uma gota de sangue. E para glorificar a bondade da raça negra, basta nos lembrar que não houve um ato de reivindicação, antes, as mais extraordinárias, as mais comoventes demonstrações de amizade, de carinho pela gente do ex-senhor (*O Exemplo*, 10 de agosto de 1924, Gustavo Penna, p. 1)

Associada à noção de uma abolição pacífica e de libertos agradecidos, as narrativas do jornal *O Exemplo*, foram marcadas pelas associações entre abolição e civilização e pela noção de que era necessário colocar o Brasil no mesmo patamar dos países civilizados, abandonando de vez a situação de atraso associada à escravidão. Como se pode observar, até mesmo os periódicos negros e suas lideranças mais proeminentes seguiram a lógica do discurso evolucionista. Marcílio Freitas, membro do *Exemplo* desde a sua fundação no século XIX e diretor do Núcleo Mantenedor na década de 1920 afirmava:

Com a extinção da escravatura em 13 de maio de 1888, passou o Brasil a ocupar um lugar de destaque que lhe compensa entre as nações que se orgulham em ter na civilização o pedestal da sua glória (*O Exemplo*, 14 de maio de 1922, autor Marcílio Freitas, p.1)

Na retórica das lideranças negras do jornal *O Exemplo* na década de 1920, foram também recorrente as imagens religiosas e o apelo ao sagrado na representação da abolição e dos abolicionistas. A Princesa Isabel e José do Patrocínio, abolicionistas mais destacados no jornal, foram sacralizados em múltiplas analogias cristãs. No caso da Princesa Isabel, replicou-se a versão oficial da “redentora”, como se pode observar a seguir:

E desde que essa extraordinária mulher, a suave e meiga Princesa Isabel quebrou os grilhões, com suas douradas mãos, do cativo em

minha pátria, esqueci que era republicano para não cessar, de joelhos, a prece da gratidão da minha raça a sua redentora (*O Exemplo*, 24 de agosto de 1924, Gustavo Penna, p.1)

Observa-se nesse excerto, a insistência na noção que predominou no discurso oficial da abolição, dos negros reconhecidos e agradecidos pelo “presente” da abolição. Por outro lado, Robert Daibert Junior (2004) destaca que as qualidades de “redentora” da princesa Isabel foram construídas apelando à imagem de Cristo, o “Redentor”. O autor observou que a Princesa Isabel fazia parte de uma corrente de abolicionistas moderados, que em lugar da defesa da igualdade, apelou para a doutrina do evangelho e revestiu a libertação de um teor religioso. Nesse contexto, nas páginas *do Exemplo*, na década de 1920, a abolição foi representada como uma “santa e humanitária cruzada” e os abolicionistas como “apóstolos”.

A dimensão pedagógica dessa reinvenção da abolição e dos abolicionistas revelava-se nas palavras do articulista do jornal *O Exemplo*, quando afirma que “a evangelização dos precursores inspira novos apóstolos”, sugerindo que outros afro-brasileiros poderiam ser inspirados pela trajetória dos abolicionistas destacados no jornal *O Exemplo* (*O Exemplo*, 13/05/1923, Antonio Gonzaga, p. 1). Por outro lado, como observa o historiador Daibert Júnior, essa retórica religiosa era de fácil reconhecimento para os populares e, pode-se acrescentar que se legitimava pela “inquestionável” autoridade do evangelho.

No contexto dessas analogias cristãs, o abolicionista José do Patrocínio foi representado pelas lideranças *do Exemplo* como o “grande apóstolo da libertação da raça negra no Brasil”, e a sua “memória sacrossanta” foi lembrada e homenageada nas páginas do jornal em inúmeros artigos, poesias e imagens que pedagogicamente o representaram como “um herói” da “causa sagrada” da abolição.

Apareceu o vulto heróico de Patrocínio, um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro, orador feroso que ia para a praça pública defender eloquentemente a liberdade dos cativos. Causa sagrada pela qual sua pena, em retumbantes artigos, se não cansava de pugnar também” (*O Exemplo*, 15 de maio de 1921, Antonio Lourenço, p. 1)

Essa retórica religiosa que representou José do Patrocínio como apóstolo da liberdade, coexistiu com uma retórica racializada, que marcou sua diferença étnico-racial representando-o como um “mulato escuro”, porém associando-o às qualidades frequentemente vinculadas aos brancos: abnegado, infatigável, genial e inteligente que, ao mesmo tempo, o distanciavam dos estereótipos comumente associados aos afrodescendentes.

Entre os mais denodados propagandistas da redenção dos cativos, senhor mais ardoroso, mais abnegado, mais infatigável do que o genial mulato escuro José do Patrocínio, que Olavo Bilac considerava

o mais inteligente dos brasileiros (*O Exemplo*, 10 de agosto de 1924, Gustavo Penna, p.1)

Esse processo de branqueamento do comportamento de José do Patrocínio se revela também na notícia do aniversário da sua morte, quando foi pedagogicamente lembrado e representado como “um negro feito da essência da brancura”, que tanto orgulhou “a sua terra e os seus “irmãos de raça”, como se observa a seguir:

O Correio da Taquara (27-11-1926): Passou, há dias, a data aniversária da morte de José do Patrocínio – o grande apóstolo da libertação da raça negra, no Brasil. Patrocínio era um “negro feito da essência da brancura”, e pelejou assombrosamente, infatigavelmente, com a serenidade e a bravura dos que têm a certeza da vitória, pela tribuna e pela imprensa, em prol da conquista do seu ideal, da realização do seu grande sonho – a liberdade para milhares de seus irmãos. (...) Relembrando tão triste acontecimento, nos curvamos reverentes, ante o túmulo desse Hércules negro do verbo, que tanto nobilitou a sua terra e os seus irmãos de raça. (*O Exemplo*, 7 de março de 1926, p.2)

De acordo com Rita de Cássia Azevedo Ferreira de Vasconcelos (2011), José do Patrocínio, jornalista por opção e farmacêutico de formação, nasceu em 1853 na cidade de Campos dos Goitacazes, filho do cônego João Carlos Monteiro com a escrava Justina Maria do Espírito Santo. A partir da década de 1870, atuou como jornalista na defesa da libertação dos escravos sem indenização aos ex-senhores. Seu instrumento de luta foram os jornais em que trabalhou particularmente a *Gazeta da Tarde* e a *Cidade do Rio*, que ele transformou em jornais abolicionistas. De acordo com a autora, Patrocínio foi vítima de dois casos emblemáticos de preconceito racial, mas essa era uma história que não interessava ao jornal *O Exemplo* na década de 1920, que se mostrava mais inclinado em construir uma memória da abolição e dos abolicionistas que não fosse polêmica e que se aproximasse das versões oficiais da abolição.

As lideranças negras do *O Exemplo* também se apropriaram dos símbolos da versão abolicionista oficial, que buscavam impor uma interpretação sobre a abolição da escravidão como resultado da assinatura da Lei Áurea e do papel de destaque da Princesa Isabel. A imagem do documento da Lei Áurea, reproduzida com frequência em periódicos da imprensa brasileira durante as comemorações do 13 de maio na ocasião da abolição em 1888, também foi reproduzida no jornal *O Exemplo* na década de 1920. Neste sentido, o jornal apropriava-se dos símbolos da abolição oficial, construindo um discurso que conforme Domingues (2011) enquadrava-se no “ideal de integração à comunidade nacional” dos afro-brasileiros nas primeiras décadas do século XX. Outro símbolo do abolicionismo oficial apropriado pelas lideranças negras nas páginas do jornal *O Exemplo* foi a caneta que a Princesa Isabel usou para assinar a Lei Áurea, reproduzida juntamente com a imagem da Princesa Isabel e do abolicionista José do Patrocínio como se observar:



Figura 3: O Exemplo, 13/05/1924, p. 1.



É interessante observar também a repercussão da morte da Princesa Isabel, em 1921, no jornal *O Exemplo*, mais uma vez lembrada pela sua trajetória abolicionista:

A raça negra e os seus descendentes, mais do que quaisquer outros brasileiros, deverão sentir o mais profundo pesar e doloroso passamento da virtuosa Princesa Isabel, porque ela, em ambas às vezes em que substituiu no trono imperial seu velho pai, Imperador Dom Pedro II, ligou seu nome eternamente à causa da abolição da escravatura, assinando em 1871 a Lei do Ventre Livre e em 1888 a nossa completa extinção do cativo. (*O Exemplo*, 20 de novembro de 1921, autor desconhecido, p.1)

As lideranças do jornal *O Exemplo* também recriaram a noção da Revolução Farroupilha como abolicionista, muito embora se saiba que a concessão da liberdade ao escravo era condicionada a sua participação na guerra e não implicava uma proposta de abolição das escravarias sulinas.

Façamos ressaltar, aqui, enquanto, à obra edificante de nossos imorredouros farroupilhas atraindo pelo civismo audaz dos seus

gestos a valiosa contribuição do braço, até então, escravo, em prol da liberdade e, no fim da peleja, naquelas cláusulas de ouro, que são nada menos que um ultimato dirigido ao governo centralista, exigindo, numa exteriorização nítida de republicanismo, a emancipação integral dos que participaram da revolução. (*O Exemplo*, 13 de maio de 1925, autor desconhecido, p.1)

Menos recorrente, mas também presente nas narrativas do jornal *O Exemplo* encontra-se uma visão crítica da versão celebratória e idealizada da abolição. Nas palavras que seguem, a Lei assinada pela Princesa Isabel foi vista apenas como uma formalidade, selando o que já tinha sido decidido pela vontade do “povo amante da liberdade”:

Nem todos puderam compreender que a Princesa Isabel, com respeito à abolição, não fez mais que uma simples formalidade, pois, digamos para nossa honra, antes de se assinar, com pena de ouro, um decreto, já a abolição havia sido expulsa do Brasil, pela vontade do nosso povo, amante da liberdade. (*O Exemplo*, 15 de maio de 1921, Antonio Lourenço, p. 1)

Essas críticas à abolição foram, com muita frequência, expressas por republicanos que desta forma se manifestavam também contra a monarquia. Porém, o que predominou nas narrativas das lideranças do jornal *O Exemplo* sobre a abolição e os abolicionistas na década de 1920 foi a reedição de fórmulas abolicionistas moderadas e de uma retórica que evitou o conflito e os temas polêmicos e estrategicamente optou pela construção de um discurso de integração às tradições nacionais.

As lideranças negras buscaram através da reinvenção das memórias da abolição e dos abolicionistas na década de 1920, se aproximar do modelo de cidadão trabalhador e civilizado, capaz de fazer parte do cenário político nacional e de se distanciar das imagens dos vícios e da vadiagem, às quais os negros eram frequentemente associados no pós-abolição. Parece ter sido com essa intenção que as elites negras pedagogicamente sacralizaram abolicionistas como a Princesa Isabel e José do Patrocínio, modelos de lideranças moderadas e patrióticas, que deveriam inspirar os Afro-Brasileiros na sua busca de inclusão na nação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas aqui analisadas contribuem para um conhecimento mais detalhado do papel da imprensa negra no Brasil na década de 1920. A análise dos discursos e das representações mais recorrentes sobre a abolição e os abolicionistas no jornal *O Exemplo*, nesse contexto, nos permite apontar que os jornalistas negros, coerentemente com a adoção dos ideais nacionais e evitando a associação com os estereótipos étnico-raciais frequentemente vinculados aos afro-brasileiros, representaram a abolição como pacífica e patriótica e os libertos como reconhecidos e agradecidos. Ademais, a partir de um discurso

religioso, as lideranças negras representaram a Princesa Isabel como a “Redentora” e José do Patrocínio como o “apóstolo da liberdade”, reproduzindo uma versão oficial da abolição e aproximando brancos e negros, cujas ações eram legitimadas por uma retórica cristã.

Neste sentido, um dos principais ensinamentos da imprensa negra no que se refere à abolição e aos abolicionistas na década de 1920 foi mostrar que a luta pela libertação dos escravos tinha sido pacífica e que brancos e negros tinham participado lado a lado, estes à semelhança daqueles. Neste contexto, os jornalistas negros selecionaram como modelo de negro a figura de José do Patrocínio, incansável na luta, inteligente, civilizado, qualidades que o aproximavam dos seus compatriotas brancos e simultaneamente o afastavam do estigma da sua raça. Conclui-se que, na década de 1920, os jornalistas afro-rio-grandenses estrategicamente atualizaram as noções de uma abolição pacífica e civilizadora e de libertos leais e agradecidos, visando ao estabelecimento de relações étnico-raciais harmoniosas e ao ideal de integração dos afro-brasileiros à nacionalidade.

## REFERÊNCIAS

ALBERTO, Paulina. **Terms of Inclusion: Black intellectuals in Twentieth-Century Brazil.** The University of North Carolina Press Chapel Hill, 2011.

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo: 1888-1998.** Bauru: EDUSC, 1998.

BUTLER, Kim D. **Freedoms Given Freedoms Won: Afro-Brazilians in post-abolition, São Paulo and Salvador.** New Jersey: Rutgers University Press, 1998.

BUTLER, Kim D. A nova negritude no Brasil: Movimentos pós-abolição no contexto da diáspora africana. In: GOMES, Flávio e Domingues Petrônio (orgs.). **Experiências da Emancipação: Biografias, instituições e movimentos no pós-abolição (1890-1980).** São Paulo: Selo Negro, 2011.

DAIBERT JUNIOR, Robert. **Isabel, “a redentora” dos escravos: uma história da princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)** Bauru: EDUSC, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 16, n. 30, 2009.

DOMINGUES, Petrônio. Salve o 13 de Maio: as comemorações da abolição da escravatura. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011a.

\_\_\_\_\_. A redenção de nossa raça: as comemorações da abolição da escravatura no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 19-48, 2011b.

GOMES, Flávio dos Santos. **Negros e política (1888-1937).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOMES, Tiago de Melo. **Um espelho no palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista nos anos 1920.** Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL (Org.) **Representation, Cultural Representation and Signifying Practices**. Sage/Open University: London/ Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

MÜLLER, Liane Susan. **Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. **As contas do meu rosário são balas de artilharia**. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

REIS, Liana. Abolicionismo, Imprensa e Poesia. In: VENÂNCIO, Renato Pinto (org.). **Panfletos Abolicionistas: o 13 de maio em versos**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007. p. 43-61.

SANTOS, José Antônio dos. Intelectuais negros e Imprensa no Rio Grande do Sul: uma contribuição ao pensamento social brasileiro. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luís Carlos da Cunha (orgs.). **RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 83-99.

SANTOS, José Antônio dos. Uma Arqueologia dos Jornais Negros No Brasil. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 3, p. 143-160, 2011.

SIEGEL, Micol. “Mães Pretas, filhos cidadãos” In: GOMES, Flávio dos Santos; CUNHA, Olívia Maria Gomes (orgs). **Quase cidadãos: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SILVA, Eduardo. Sobre Versos, Bandeiras e Flores. In: VENÂNCIO, Renato Pinto (Org). **Panfletos Abolicionistas: o 13 de maio em versos**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007. p. 17-40.

STEINBERG, Shirley. Kinder cultura: A construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz H.; AZEVEDO, José C.; SANTOS, Edmilson S. **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: SMED, 1997. p. 98-145.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe L. (orgs.). **Cultura Infantil, a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 9-52.

VASCONCELOS, Rita de Cássia Azevedo Ferreira. In: ABREU, Martha; PEREIRA, Matheus Serva (orgs). **Caminhos da Liberdade: Histórias da Abolição e do Pós-Abolição no Brasil**. Niterói : PPGHistória-UFF, 2011.

ZUBARAN, Maria Angélica. Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 27, jul. 2008.

\_\_\_\_\_. A produção da identidade afro-brasileira no pós-abolição: Imprensa Negra em Porto Alegre (1902-1910). In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 3., 2007. **Anais...** [S.L.]: [S.N.], 2007. p. 1-14.